



## O caso dos descendentes de Lot

**Juliano Klevanskis\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
literatices@yahoo.com.br

Leitor, o motivo que me trouxe a este relato, muito próximo de uma narrativa policial, assim se resume: a existência da acusação contra um rabino pela prática de um crime hediondo. Irei conduzi-lo, espero, sem delongas, ao esclarecimento de uma longa investigação. Você (permita-me tratá-lo assim) está livre para aceitar ou não a participação dele no crime, bem como para pesar esse crime e, assim, acatar o julgamento que lhe proponho, respeitando, com ética, as regras ditadas por Jorge Luis Borges. Retorno, ao final do relato, oferecendo uma possível absolvição. Nesse crime, que envolve vítimas fatais, o rabino não é principal acusado. O artífice do crime maquinou e tramou para conseguir o que queria. Eu comprovarei o que afirmo. Esse conspirador aliciou Moabe e Ben-Ami com manobras ardilosas, a fim de obter o que queria. Mas, antes de dar a conhecer a identidade do criminoso, narrarei uma passagem bíblica.

### I

Lot partiu com suas duas filhas e passou a viver nas montanhas, porque tinha medo de permanecer em Tzoar. Ele e as duas filhas ficaram morando numa caverna. Um dia, a filha mais velha disse à mais jovem:

— Nosso pai já está velho e não há homens nas redondezas que nos possuam, segundo o costume de toda a terra. Vamos dar vinho a nosso pai e então nos deitaremos com ele para preservar a sua linhagem.

Naquela noite, elas deram vinho ao pai e a filha mais velha entrou e se deitou com ele. Ele, no entanto, não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou. No dia seguinte a filha mais velha disse à mais nova:

— Ontem à noite, deitei-me com nosso pai. Vamos dar-lhe vinho também esta noite e você se deitará com ele, para que preservemos a linhagem dele.

Então, outra vez, elas deram vinho ao pai naquela noite e a mais nova foi e se deitou com ele. Ele, novamente, não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou. Assim, as duas filhas de Lot ficaram grávidas do próprio pai. A mais velha teve um filho e deu a ele o nome de Moabe, que se tornou o

---

\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



pai dos moabitas. A mais nova também teve um filho e deu-lhe o nome de Ben-Ami que, por sua vez, tornou-se o pai dos amonitas.

Anos depois, Moabe entrou de férias, chegou em casa portando um celular, um tablet e um notebook. Sua esposa, que jogava Mahjong na internet, ao lado de um narguilé de origem egípcia depositado na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos da tela do computador:

— Você está um bagaço.

Na casa, a filha obesa comia, com uma calma irritante, bombons de chocolate no quarto, ao som da cama rangendo no quarto do irmão. E foi papel de chocolate no chão e foi cama rangendo durante a tarde inteira.

Ele foi ao banheiro, lugar da casa onde ninguém o incomodava e, como sempre fazia, leu notícias e assistiu a vídeos no WhatsApp. Saiu do banheiro, viu o volume de correspondência sobre a mesa, não havia cartas, apenas contas a pagar e panfletos de distribuidores de gás e de supermercados da região.

A mesa da sala estava lotada de papéis, ele jantava na cozinha. Seus filhos, geralmente, comiam nos próprios quartos, cada um a seu horário, enquanto sua mulher navegava na internet. Era um vício que ela possuía, mas não gostava de assumir. O filho passou na cozinha e levou duas latas de cerveja para o quarto, logo da cerveja que ele mais gostava... a filha saiu do quarto e pediu para usar o cartão de crédito:

— Pai, tem uma promoção com cintura e quadril certinho, se comprar três leva um modelo de cada busto.

Sem entender direito, ele passou o cartão.

— Vamos fumar narguilé? – perguntou a esposa.

— Prepara logo, pra gente relaxar – ele respondeu.

E ele viu que o narguilé era bom. E foi narguilé a noite e a madrugada inteira.

— Vamos viajar pra praia? – ele perguntou.

Ele sabia que ela não queria, ela preferia viajar para o exterior, qualquer lugar, Uruguai, Miami, França.

— Não vejo graça em ir para o Espírito Santo, a água é marrom, à noite venta demais.

— Ir para a Europa ou para os EUA é uma fortuna, tem que ser planejado com antecedência. Eu até iria para o Uruguai nas próximas férias – ele respondeu.

Ele considerou que era bom ir ao Uruguai, após todo o esforço que tinha empreendido ao longo do semestre, no trabalho.



O carrinho com a bagagem dos filhos bloqueava a passagem de um senhor que estava logo atrás, impedindo, também, que outros passassem com seus respectivos carrinhos. Tiraram a última mala que faltava, a sua, e saíram do aeroporto, em Montevideu. Alugaram um carro com desconto, pois ele trabalhava em uma filial daquela empresa de alugueis de carro – colocaram as malas no porta-malas e trafegaram em ruas desconhecidas, com a ajuda do aplicativo de celular, em direção ao hotel.

Saíram do carro alugado, ele tirou a boina comprada no aeroporto.

- Minha blusa está na mala.
- Acho que deixei cair meu fone de ouvido no aeroporto.
- Preciso tomar banho, estou toda grudenta.

O funcionário do hotel colocou as malas num carrinho, menos a sua, por não caber. Ele mesmo a carregou até o quarto, o carregador novamente se desculpou por isso. Ele fechou a porta e observou o movimento das pessoas na rua, a esposa deitada na cama. Ela se despiu, permanecendo com a roupa íntima, e convidou-o sensualmente a se deitar. Ele foi em direção à esposa, começou a tirar também a própria roupa, mas interrompeu subitamente depois de ouvir batidas na porta e a voz dos filhos. Como chegaram de manhã ao hotel, ainda conseguiram tomar um reforçado café da manhã, café em família, almoço em família, passeios em família, tudo em família, e sentiram a alegria de uma viagem especial.

Enfiou a chave na ignição, era um carro veloz, com câmbio semiautomático, esportivo, confortável e muito rápido na aceleração. Saiu sem saber para onde ir, viu uma avenida deserta, nessa cidade nada familiar. Pensou que pudesse ser ali, não havia movimento. Acelerou mais e mais e atingiu 150 km/h. O dia estava claro, a avenida arborizada, o ar limpo.

A agência de aluguel examinou o carro e constatou a perda total do veículo. O acidente foi tão violento, que o carro se desmanchou. A família foi encontrada a cerca de 20 metros do local. Poucos acidentes se igualam a este, devido às circunstâncias. Mas dois fatos bastante curiosos chamou a atenção da polícia e da mídia: a existência de cinzas de charuto abaixo dos pedais e uma corda dentro do capô do carro.

- ¿Él estaba embriagado? El tipo es loco? Son turistas?

Ninguém entendeu o que exatamente ocorreu. Pessoas e animais curiosos se amontoaram.

- Ahora bien – a serpente, muito astuta, resolveu conjecturar – es lo que Dios dice: ¡no correréis en la vía así!



Respondeu uma mulher à serpente:

— En la carretera fuera de la ciudad podemos correr, pero en la avenida en medio de la ciudad, dice Dios: no correis, ni en otros automóviles golpear, para que no muera.

Disse a serpente à mulher:

— Ciertamente.

Nisso perguntou uma jumenta

— ¿Qué hizo él, para la propia familia? – respondeu o homem ao seu lado – que el Señor acoja a esta familia en el cielo.

Então o Senhor acolheu a família, Moabe e os seus abriram os olhos e viram um anjo do Senhor no caminho e inclinaram a cabeça. Enquanto a cobra, a mulher, o jumento e o homem acotovelam-se nesse estranho acidente, outros curiosos dão à luz a perguntas e conjecturas.

## II

Você, leitor, pode desconsiderar o último parágrafo, mas não refutará que no Antigo Testamento foi dado o dom da fala a uma serpente e a uma jumenta. Este meu relato não termina aqui. O irmão de Moabe, Ben-Ami, figura em outra história, a qual por sua vez, acha-se enredada. Moabe e Ben-Ami são irmãos de sangue. São seres que, numa relação labiríntica, revelam cada um o segredo do outro.

Alguns dias depois do acidente, a família de Ben-Ami estava assistindo televisão. Ben-Ami pegou o carro da empresa onde trabalha e deu uma voltinha.

— Agora está mais calmo? – perguntou sua mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo.

Ele disse que iria dormir, dizendo:

— Boa noite a todos, amanhã vou ter um dia terrível na empresa – a mesma companhia de aluguel de carros que Moabe trabalhava.

Há uma lenda oculta na literatura hassídica, pouco conhecida no mundo ocidental, que apresenta profunda sabedoria e que determinou a solução para esse caso onde não havia, até o momento, nenhum suspeito.

Essa é lenda:

“Uma vez os *hassidim* estavam fraternalmente reunidos, quando Rabi Israel, com o cachimbo na mão, veio ter com eles. Vendo-o assim próximo e cordial, disseram-lhe:



— Falai-nos, querido Rabi, como devemos servir a Deus?

Ele se admirou com a pergunta e respondeu:

— Sei lá eu?

No mesmo instante, porém, prosseguiu e contou:

— Era uma vez dois amigos e ambos foram acusados perante o rei de haverem cometido uma falta. Mas, como o rei os amava, queria demonstrar-lhes sua mercê. Absolvê-los não podia, pois nem mesmo a palavra real pode prevalecer sobre os preceitos da lei. Proferiu, então, o veredito: estender-se-ia uma corda sobre um profundo abismo e os dois réus deveriam, um após o outro, caminhar sobre ela. Aquele que conseguisse atingir a borda oposta seria agraciado com a vida. Assim foi dito e assim foi feito e um dos amigos chegou ileso ao outro lado. O outro, ainda na extremidade oposta da roda, gritou:

— Dize-me, meu amigo, como conseguiste atravessar este terrível abismo?

Este replicou-lhe:

— Não sei, sei apenas que, quando sentia inclinar-me para um lado, eu me inclinava para outro.

Assim, minha suspeita recaiu sobre o único dono da companhia de alugueis de carro. Explico... Informe-me, a princípio a partir dos nomes, que os três eram descendentes de judeus europeus e frequentavam o Beit Chabad, uma instituição religiosa fechada por laços sanguíneos. O rabino responsável pela sede dessa instituição na cidade de Beagad, onde residiam Moabe e Bem-Ami, veio do Uruguai, sendo descendentes de religiosos russos. Até aí nada de irregular. Mas o que levantou minha suspeita é que esse rabino é o proprietário da empresa onde os dois trabalhavam. Então, descobri que Moabe nunca fez serviços comunitários ou doações financeiras àquela instituição religiosa. O dono da empresa, o tal rabino, agiu como o rei na lenda hassídica. Ele acusou um dos funcionários de acordo com a sua própria lei e proferiu o veredito contra Moabe, que ele julgou ter cometido uma falta. A Ben-Ami demonstrou mercê, mas deixou a corda e as cinzas como aviso: que se inclinasse para um lado da doação ou andaria na corda bamba.

Assim, descobri que o assassino só podia ser o rabino. Você, leitor, como mencionei no princípio do relato, tem participação no crime. Não é necessário que você conheça a vítima nem que tenha acesso aos instrumentos do crime para tê-lo cometido. Explico. Você talvez se sinta literalmente como um Deus. Você, como o dono da companhia de alugueis de automóveis, talvez pense ainda que possa julgar a ação de outras pessoas. Mas, na verdade, você também está andando na corda bamba. Ou por acaso você anda alimentado famintos na



sua cidade? Você anda doando seu dinheiro para instituições de caridade do mundo? Se não ,você tem mérito no Caso dos Descendentes de Lot.

-----

Recebido em: 30/03/2019.

Aprovado em: 10/04/2019.